

Capítulo 8

PROFETAS NA SELVA

Profetas na selva*

A América indígena não cessa de desconcertar aqueles que tentam decifrar sua grande face. Vê-la colocar por vezes a sua verdade em locais imprevistos nos obriga a reexaminar a imagem pacífica que dela temos, e sua esperteza talvez consista justamente em se conformar a ela. A tradição nos legou do continente sul-americano e dos povos que o habitavam uma geografia sumária e superficialmente verídica: de um lado, as Altas Culturas andinas e todo o prestígio de seus refinamentos; de outro, as culturas ditas da Floresta Tropical, tenebroso reino de tribos errantes através de savanas e selvas. Revelaremos aqui o etnocentrismo dessa ordem que coloca em oposição, de maneira familiar ao Ocidente, de um lado, a civilização e, do outro, a barbárie. Complementar a esse arranjo exprime-se em seguida a convicção mais sábia de que a vida do espírito atinge suas formas nobres somente quando a sustenta o solo julgado mais rico de uma grande civilização: em suma, que o espírito dos selvagens permaneça espírito selvagem.

Ora, que isso não é verdade e que o mundo indígena se revela capaz de surpreender o espectador ocidental de uma linguagem que outrora não teria ficado sem eco é o que nos ensinam os Mbyá-Guarani. Pois o pensamento religioso desses índios está carregado da densidade de uma meditação rigorosa e liberta, desenvolvendo-se na pureza inicial de um mundo em que ainda são vizinhos deuses e viventes. Os Tupi-Guarani, dos quais os Mbyá são uma das últimas tribos, propõem à etnologia americanista o enigma de uma singularidade que, desde antes da Conquista, os levava à inquietude de procurar sem descanso o além prometido por seus mitos, *ywy mara ey*, a Terra sem Mal. Dessa busca maior e certamente excepcional junto aos índios sul-americanos, conhecemos a mais espetacular conseqüência: as grandes migrações religiosas de que falam os relatos dos primeiros cronistas. Guiadas por xamãs inspirados, as tribos se movimentavam e, por meio de jejuns e danças, tentavam atingir as ricas moradas dos deuses, situadas no levante. Mas então surgia o obstáculo aterrorizante, o limite doloroso, o grande oceano, mais

terrível ainda por confirmar aos índios sua certeza de que em sua margem oposta estava a terra eterna. É por isso que permanecia a esperança de alcançá-la um dia, e os xamãs, atribuindo seu fracasso à falta de fervor e ao não respeito às regras do jejum, esperavam sem impaciência a vinda de um sinal ou mensagem do alto para recomeçar sua tentativa.

Os xamãs tupi-guarani exerciam pois sobre as tribos uma influência considerável, sobretudo os maiores dentre eles, os *karai*, cuja palavra, queixavam-se os missionários, continha em si todo o poder do demônio. Seus textos não dão infelizmente nenhuma indicação sobre o conteúdo dos discursos dos *karai*: pela simples razão, sem dúvida, de que os jesuítas tinham pouca vontade de tornar-se cúmplices do diabo, reproduzindo por escrito o que Satã sugeria a seus sequazes índios. Mas, Thevet, Nóbrega, Anchieta, Montoya etc., traíam sem querer seu silêncio censor, reconhecendo a capacidade de sedução da palavra dos feiticeiros, principal obstáculo, dizem eles, para a evangelização dos selvagens. Aí se introduzia à sua revelia a confissão de que o cristianismo encontrava no universo espiritual dos Tupi-Guarani, isto é, de homens “primitivos”, algo de fortemente articulado para se opor com sucesso, e como em plano de igualdade, à intenção missionária. Surpresos e amargurados, os jesuítas zelosos descobriam, sem compreendê-las, na dificuldade de sua pregação, a finitude de seu mundo e a derrisão de sua linguagem: eles constataavam com estupor que as superstições diabólicas dos índios podiam ascender às regiões supremas daquilo que quer ser chamado de religião.

Assim ocultado, todo esse antigo saber corria o risco de perder-se para sempre se, atentos a seu apelo e respeitando sua memória, os últimos índios Guarani não o tivessem silenciosamente mantido vivo. Poderosos povos de outrora, eles não são mais que pequenos bandos a sobreviver nas florestas do Leste paraguaio. Admiráveis em sua perseverança de não renunciarem a si mesmos, os Mbyá, que quatro séculos de ofensas não puderam forçar a humilhar-se, persistem estranhamente em habitar a sua velha terra segundo o exemplo dos ancestrais, em fiel acordo com as normas que os deuses estabeleceram antes de abandonar a morada que concediam aos homens. Os Mbyá conseguiram conservar sua identidade tribal contra todas as circunstâncias e provações de seu passado. No século XVIII, os jesuítas fracassaram em convencê-los a renunciar à idolatria e a reunir-se aos outros

índios nas missões. O que os Mbyá sabiam e que os fortalecia em sua recusa eram a vergonha e a dor de ver aquilo que eles desprezavam ameaçar sua própria substância, seu ponto de honra e sua ética: seus deuses e o discurso de seus deuses, pouco a pouco aniquilados pelos recém-chegados. É nessa recusa que reside a originalidade dos Guarani, que se delimita o lugar muito especial que eles ocupam entre as outras culturas indígenas, que se impõe o interesse que eles apresentam para a etnologia. É raro com efeito ver uma cultura indígena persistir na existência conforme as normas de seu próprio sistema de crenças, e conseguir conservar quase isento de empréstimos esse domínio particular. Do contato entre mundo branco e mundo índio resulta na maior parte das vezes um sincretismo empobrecedor onde, sob um cristianismo sempre superficial, o pensamento indígena procura somente adiar sua morte. Precisamente, isso não se verificou com os Mbyá, que, até o presente, continuam a destinar ao fracasso toda tentativa missionária.

Essa secular resistência dos Guarani em ceder diante da religião dos *juru'a*, dos brancos, se fortalece na convicção dos índios de que seu destino está ordenado pela promessa dos antigos deuses: que, vivendo sobre a terra má, *ywy mba'é megua*, no respeito às normas, eles receberão daqueles lá do alto os sinais favoráveis à abertura do caminho que, além do temor do mar, os levará à terra eterna. Poder-se-ia ficar surpreso com o que parece quase uma loucura: a saber, a constância dessa rígida certeza capaz de atravessar a história sem parecer afetada por esta. Seria desconhecer a incidência sociológica do fervor religioso. Com efeito, se os Mbyá atuais se pensam ainda como tribo, isto é, como unidade social que visa a preservar sua diferença, é essencialmente sobre um fundo religioso que se projeta essa intenção: os Mbyá são uma tribo porque são uma minoria religiosa não-cristã, porque o cimento da sua unidade é a comunidade da fé. O sistema das crenças e dos valores constitui pois o grupo como tal, e, reciprocamente, esse fechamento decidido sobre seu eu leva o grupo, cioso depositário de um saber honrado até o mais humilde ser, a permanecer o fiel protetor de seus deuses e o guardião de sua lei.

Certamente, o conhecimento da temática religiosa se distribui desigualmente entre os membros da tribo. A maioria dos índios se contenta, como é normal, em participar com aplicação das danças rituais, em respeitar as normas tradicionais da vida e em escutar com recolhimento as exortações de

seus *pa'i*, de seu xamãs. Pois eles são os verdadeiros sábios que, assim como os *karai* dos tempos antigos, tomados pela mesma paixão, se entregam à exaltação de interrogar seus deuses. Lá se redescobre o gosto dos índios pela palavra, ao mesmo tempo como oradores e como ouvintes: senhores das palavras e inflamados ao pronunciá-las, os caciques-xamãs encontram sempre no resto dos índios um público pronto para ouvi-los.

Trata-se quase sempre nesses discursos de abordar os temas que literalmente obcecaram os Mbyá: seu destino sobre a terra, a necessidade de respeitar as normas fixadas pelos deuses, a esperança de conquistar o estado de perfeição, o estado de *aguyje*, que é o único que permite aos que o atingem ter o caminho da Terra sem Mal, aberto pelos habitantes do céu. A natureza das preocupações dos xamãs, sua significação, seu alcance e a maneira pela qual eles a expõem nos ensinam justamente que o termo xamã qualifica mal a verdadeira personalidade desses homens capazes de embriaguez verbal quando os toca o espírito dos deuses. Às vezes médicos, mas não necessariamente, eles se preocupam muito menos em restituir a saúde ao corpo doente do que em adquirir, através de danças, discursos e meditações, essa força interior, essa firmeza de coração, só elas capazes de agradar a Ñamandu, a Karai Ru Ete, a todas as figuras do panteão guarani. Mais do que praticantes, pois, os *pa'i* mbya são meditantes. Apoiados no sólido terreno dos mitos e das tradições, eles se entregam a esses textos, cada um por si, a um verdadeiro trabalho de glosa. Encontram-se, pois, entre os Mbyá duas sedimentações, poder-se-ia dizer, de sua “literatura” oral: uma, profana, que compreende o conjunto da mitologia e especialmente o grande mito dos gêmeos; a outra, sagrada, isto é, secreta para os brancos, que se compõe das orações, dos cantos religiosos, de todas as improvisações, enfim, que arranca os *pa'i* o seu fervor inflamado quando sentem que neles um deus deseja fazer-se ouvir. À surpreendente profundidade de seus discursos, esses *pa'i*, a quem somos tentados a chamar de profetas e não mais de xamãs, impõem a forma de uma linguagem notável por sua riqueza poética. Aí, aliás, se indica claramente a preocupação dos índios de definir uma esfera de sagrado tal que a linguagem que o enuncia seja ela própria uma negação da linguagem profana. A criação verbal, proveniente da preocupação de nomear seres e coisas conforme sua dimensão mascarada, segundo seu ser divino, resulta assim em uma transmutação lingüística do universo cotidiano,

em uma Grande Fala [*Grand Parler*] que se chegou a pensar que era uma língua secreta. Assim, os Mbyá falam da “flor do arco” para designar a flecha, do “esqueleto da bruma” para citar o cachimbo, e das “ramagens floridas” para evocar os dedos de Ñamandu. Transfiguração admirável para abolir a confusão e o ressentimento das aparências em que não se quer reter a paixão dos *últimos homens*: assim se diz o verdadeiro nome dos Mbyá, índios decididos a não sobreviver a seus deuses.

O primeiro alvor da madrugada recorta o cimo das grandes árvores. Acorda ao mesmo tempo no coração dos índios Guaraní o tormento, rebelde à tranqüilização da noite, de seu *tekoachy*, da existência doente que de novo a luz do astro vem clarear, lembrando-lhes assim sua condição de habitantes da Terra. Não é raro então ver elevar-se um *pa'i*. Voz inspirada pelos invisíveis, lugar de espera do diálogo entre os humanos e os deuses, ele concede ao rigor de seus *logos* o arrebatamento da fé que anima as belas formas do saber. Matinas selvagens na selva, as palavras graves de sua lamentação se dirigem para o leste, ao encontro do sol, mensageiro visível de Ñamandu, o poderoso senhor dos lá do alto: a ele se destina essa oração exemplar.

Desmentindo o primeiro e legítimo movimento de esperança, as palavras que inspira ao recitante o aparecimento do astro o fecham pouco a pouco no círculo da angústia em que o abandona o silêncio dos deuses. Os esforços dos homens para escapar à sua morada parecem inúteis, pois não comovem aqueles a quem se destinam suas súplicas. Mas, tendo assim chegado ao limite extremo de sua dúvida e de sua angústia, voltam àquele que as experimenta e as recita a memória do passado, a lembrança dos ancestrais: destes, as danças, os jejuns e as orações acaso não foram outrora recompensados, e não lhes foi concedido atravessar o mar, descobrindo-lhe a passagem? Isso significa que os homens têm acesso aos deuses, que tudo é ainda possível. Então se afirma a confiança em um destino semelhante para os homens de agora, para os *últimos Jeguakava*: sua espera das Palavras não será em vão, os deuses se farão ouvir por aqueles que se inclinam à sua escuta.

Assim se constrói o movimento da súplica tardia e pronta chegada. Ñamandu, deixando brotar de novo sua luz, consente pois em deixar os homens viverem: seu sono noturno é uma morte da qual a aurora os arranca. Mas viver, para os *Jeguakava*, para os portadores do *jeguaka*, para aqueles

adornados pela cabeleira ritual masculina, não é somente despertar para a neutralidade das coisas. Os Mbyá habitam a Terra no espaço do questionamento, e o Pai aceita pois escutar o lamento de seus adornados. Mas, ao mesmo tempo em que surge a esperança ou em que se enraíza a própria possibilidade de questionar, a fadiga terrena trabalha para diminuir seu alento: medem-na o sangue e a carne e podem sobrepujá-las a oração e a dança, a dança sobretudo, cujo ritmo preciso alivia o corpo de sua carga terrestre. Que ausência indica essa procura tão urgente que inaugura o dia? A das *ñe'è porä tenonde*, as belas palavras originais, linguagem divina em que se abriga a salvação dos homens. Pausa no limiar da sua verdadeira morada: assim é o habitar dos *Jeguakava* sobre a terra má. A imperfeição dos corpos e das almas impede de desertá-la, só ela os retém do lado de cá da fronteira, do metafórico mar, menos assustador em sua realidade mais freqüentemente desconhecida pelos índios do que por levá-los a pressentir a talvez definitiva divisão entre o humano e o divino, cada um preso à sua própria margem. Agradar aos deuses, merecer deles as Palavras que abrem o caminho da terra eterna, as Palavras que ensinam aos homens as normas de sua futura existência: tal é entretanto o desejo dos Mbyá. Que falem, pois, os deuses! Que reconheçam o esforço dos homens, seus jejuns, suas danças, suas preces! Não menos ricos em méritos que seus pais, os *Jeguakava tenonde porängue'i*, os últimos dentre os que foram os primeiros adornados, aspiram a deixar a terra: seu destino será portanto cumprido.

Eis, trágica no silêncio matinal de uma floresta, a prece meditativa de um índio: a clareza de seu apelo não se altera pelo fato de subterraneamente aí aparecerem o senso e o gosto da morte, para a qual a extrema sabedoria dos Guarani é de saber encaminhar-se:

Meu pai! Ñamandu! Tu fazes com que novamente eu me levante!

Da mesma forma, fazes com que novamente se levantem os Jeguakava, os adornados em sua totalidade.

E as Jachukava, as adornadas, tu fazes com que novamente elas também se levantem em sua totalidade.

E quanto a todos os que não dotaste de jeguaka, eles também tu fazes com que de novo se levantem em sua totalidade.

E aqui está: a propósito dos adornados, a propósito dos que não são teus adornados, a propósito deles todos, eu questiono.

E entretanto, quanto a tudo isso,

*as palavras, tu não as pronuncias, Karai Ru Ete:
nem para mim, nem para teus filhos destinados à terra indestrutível, à terra eterna que nenhuma pequenez altera.
Tu não as pronuncias as palavras em que se encontram as normas futuras de nossa força, as normas futuras de nosso fervor.*

*Pois, em verdade,
eu existo de maneira imperfeita.
Ele é de natureza imperfeita, o meu sangue,
ela é de natureza imperfeita, a minha carne,
ela é assustadora, desprovida de toda qualidade.
As coisas estando assim dispostas,
a fim de que meu sangue de natureza imperfeita,
a fim de que minha carne de natureza imperfeita,
se mexam e rejeitem longe deles sua imperfeição:
joelhos dobrados, eu me inclino,^[1] na esperança de ter um coração valoroso.
E, entretanto, aqui está: tu não pronuncias as palavras.
Por causa de tudo isso,
não é certamente em vão que, no que me concerne, necessito de tuas palavras:
as das normas futuras da força,
as das normas futuras de um coração valioso,
as das normas futuras do fervor.*

*Nada mais, dentre a totalidade das coisas, inspira valor ao meu coração.
Nada mais me dirige às normas futuras de minha existência.
E o mar maléfico, o mar maléfico,
tu não fizeste com que eu o atravessasse,
É por isso, em verdade, é por isso que eles só permanecem em pequeno número, os meus irmãos, que elas, as minhas irmãs, só permanecem em pequeno número.*

*Aqui está: a propósito dos pouco numerosos que permanecem, eu faço ouvir minha lamentação.
A propósito desses, de novo eu questiono:
Pois Ñamandu faz com que eles se levantem.*

*Estando as coisas assim dispostas,
quanto aos que se levantam, em sua totalidade,
é para seu alimento futuro que dirigem a atenção de seu olhar, todos eles;
e porque a atenção de seu olhar se dirige para seu alimento futuro,
são eles então que existem, todos eles.*

*Tu fazes com que suas palavras tomem impulsos,
inspiras seu questionamento,
fazes com que de todos eles se eleve uma grande lamentação.
Mas aqui está: eu me levanto em meu esforço,*

e entretanto tu não pronuncias as palavras, não, em verdade, tu não pronuncias as palavras.

*Em conseqüência, eis o que sou levado a dizer,
Karai Ru Ete, Karai Chy Ete:
os que não eram pouco numerosos,
os destinados à terra indestrutível, à terra eterna que nenhuma
pequenez altera,
todos esses, tu fizestes com que em verdade eles questionassem,
outrora, a propósito das normas futuras de sua própria existência.
E certamente, eles as conheceram em sua perfeição, outrora.*

*E se, quanto a mim, minha natureza se liberta de sua costumeira imperfeição,
se o sangue se liberta de sua costumeira imperfeição de antanho:
então, certamente, isso não provém de todas as coisas más,
mas de que meu sangue de natureza imperfeita, minha carne de natureza
imperfeita, se mexam e expulsem para longe deles sua imperfeição.*

É por isso que tu as pronunciarás em abundância, as palavras, as palavras da alma excelente,

*para aquele cuja face não apresenta nenhum sinal.^[2]
Tu as pronunciarás em abundância, as palavras,
Oh! Tu, Karai Ru Ete, e tu, Karai Chy Ete,
para todos os destinados à terra indestrutível, à terra eterna,
que nenhuma pequenez altera,
Tu, Vós!^[3]*

* Inicialmente publicado em Jean Pouillon e Pierre Maranda (éds.), *Echanges et communications* [Coletânea de estudos oferecida a Claude Lévi-Strauss por ocasião de seu 60º aniversário] (Paris-Haia: Mouton, 1970).

1. Descrição do movimento da dança ritual.
2. Isto é, para aquele que recusa o batismo cristão.
3. Texto recolhido em junho de 1966 no leste do Paraguai. Foi gravado em língua indígena e traduzido com a ajuda de Léon Cadogan. A ele nossos agradecimentos.